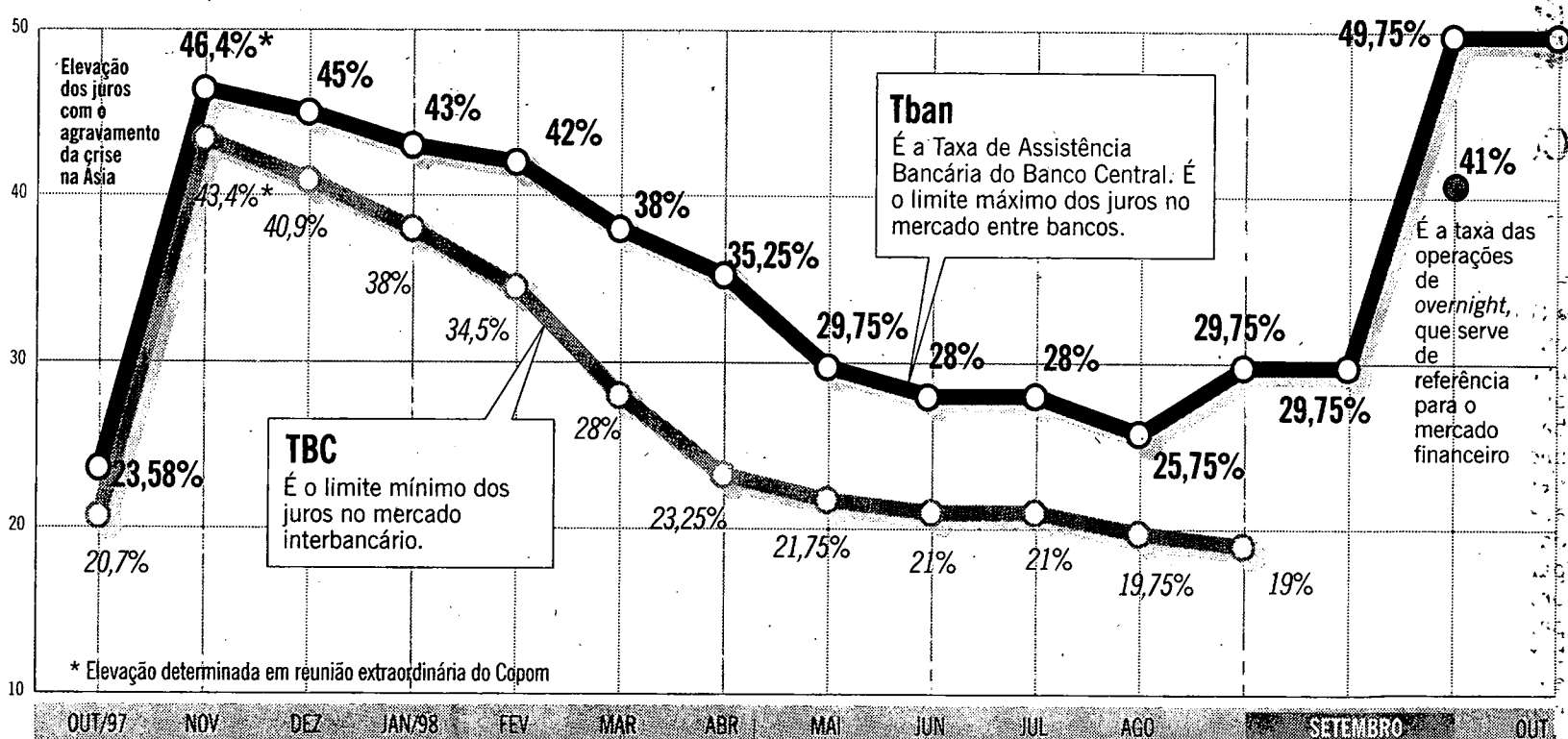


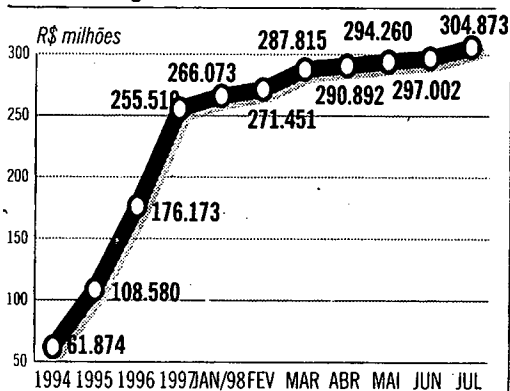
MERCADOS EM CRISE: Nas operações do 'overnight', o BC puxou a taxa para 41%

Editoria de Arte

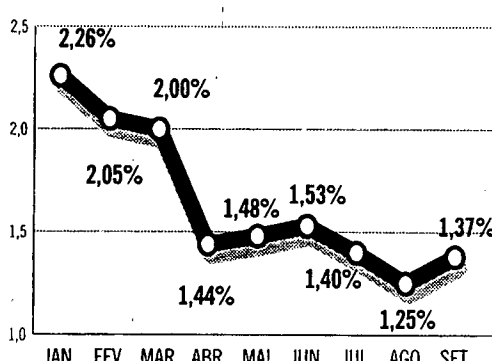
A NOVA TAXA DE JUROS



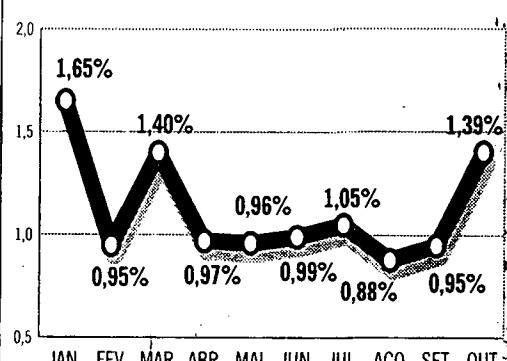
EVOLUÇÃO DA DÍVIDA EM TÍTULOS



CDB PREFIXADO 30 DIAS (TAXA AO MÊS)



POUPANÇA (AO MÊS)*



*Para cadernetas com aniversário no primeiro dia do mês

Reunião do Copom mantém as taxas de juros inalteradas em até 49,75% ao ano

Economistas dizem que decisão tem por objetivo estimular aprovação das reformas

• BRASÍLIA. O Banco Central confirmou as expectativas dos analistas do mercado financeiro e manteve inalteradas as taxas básicas de juros da economia. Após quase quatro horas de reunião, o Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom) decidiu manter a TBC em 19% ao ano e a TBAN em 49,75% ao ano. O presidente do BC, Gustavo Franco, chegou de Washington momentos antes da reunião para coordenar as discussões. Na avaliação dos economistas, o que pesou na decisão do BC foi o fato de o cenário internacional ainda estar muito instável, o que não justificaria uma queda nos juros neste momento. Uma redução a partir de agora, acreditam, está diretamente relacionada com o ajuste nas contas públicas e o apoio financeiro internacional.

— O Governo só vai reduzir os juros quando conseguir fechar o pacote com medidas para equilibrar as contas públicas e receber apoio de organismos internacionais. Feito isso, a queda pode até ser rápida — afirma o economista do Lloyds, Adauto Lima.

Manter taxas é uma forma de pressionar o Congresso

Para o economista-chefe do Banco Pontual, Carlos Guzzo, ao decidir não mexer nas taxas de juros, o Governo demonstrou que está cauteloso diante da situação externa e, por isso, prefere não mexer com as expectativas do mercado. Segundo ele, uma redução na Tban, uma das possibilida-

des discutidas no mercado, poderia mostrar excesso de confiança do Governo no ajuste fiscal e na ajuda externa.

— Reduzir a Tban neste momento seria um sinal prévio de certezas que o Governo tem mas o mercado, não. O Governo já está traçando o ajuste fiscal a ser feito e negocia ajuda externa, entretanto não se sabe como o mercado reagirá quando a equipe econômica anunciar as medidas. Por isso, foi acertada a decisão de manter inalteradas as taxas — avalia Guzzo.

Segundo o economista, o Governo deverá primeiro aguardar a reação do mercado financeiro ao ajuste fiscal para somente depois mexer nos juros.

— Seria um erro reduzir os juros agora. Não tem nada que indique uma tendência de queda neste momento. O BC, diante do cenário externo delicado, só pode agir nesse sentido quando tiver fatos concretos — avalia o ex-presidente do Banco Central Gustavo Loyola.

Para ele, se o Governo mostrar disposição e capacidade para promover um ajuste sério das contas públicas com apoio do Congresso Nacional e ainda conseguir garantir uma ajuda de organismos internacionais, será possível começar o ano de 1999 com as taxas de juros no mesmo patamar registrado antes da crise: 19% ao ano.

O essencial, para isso, é mostrar medidas consistentes que garantam um superávit nas contas

públicas no ano que vem. Dessa forma, o país poderia recuperar a credibilidade perante os investidores e diminuir a volatilidade dos capitais externos.

Segundo o economista-chefe do Banco Santander, Dany Rappaport, ao aumentar a Tban, taxa que funciona como teto dos juros, de 29,75% ao ano para 49,75% ao ano no início do mês passado, o Governo estabeleceu uma margem de manobra maior justamente para garantir uma flutuação dos juros nos momentos de pico da crise. Até agora, o mercado não operou no limite dessa banda. Ontem, nas operações do *overnight*, o BC operou com taxa de 41%. Entretanto, diz Rappaport, isso não significa que novos sinais de instabilidade externa não possam forçar uma alta dos juros. Como o Brasil não está livre de passar por momentos mais complicados por causa da situação externa, não haveria razão para o BC mexer nos juros.

Governo poderia mexer nos juros sem nova reunião

— A crise continua tão grave quanto nas últimas semanas. O pior ainda não passou. O Governo, ao elevar a Tban, criou uma margem de manobra importante para mostrar que os juros podem ser tão altos quanto for necessário para defender a moeda. Por isso, não era hora de reduzir esse espaço — justifica Rappaport.

Por outro lado, segundo os próprios técnicos da equipe econômica do Governo, manter os ju-

ros elevados também é uma forma de o Governo pressionar o Congresso Nacional, os próprios ministros e também estados e municípios a promoverem um ajuste fiscal rigoroso o mais rapidamente possível.

— Baixar os juros seria uma forma de assumir que a sua situação está melhor, o que não é verdade. Há uma necessidade de se ter um mecanismo de ajuste fiscal para evitar que a crise comprometa a estabilidade da economia e também se alastre pelos países vizinhos. Só depois disso pode-se pensar em queda de juros — afirma um técnico do Governo.

Para o economista-chefe do Citibank, Carlos Kawall, o fato de o Copom não ter reduzido os juros não significa que as taxas não podem cair ao longo deste mês, já que a taxa que passou a ser referência para o mercado não é mais a TBC — que funcionava como piso dos juros — mas sim, a taxa aplicada diariamente nas operações do Governo no *overnight*, que está em 41% ao ano. Na verdade, essa é a taxa que o mercado toma como base para saber em que nível estão os juros. É a Taxa Selic, que remunera os títulos públicos.

— Dentro do intervalo fixado, o Governo pode perfeitamente mudar as taxas de juros quando achar conveniente sem que precise fazer nova reunião. Então, se ele tem esse espaço de manobra, porque alterar num momento delicado? — disse Kawall. ■